

Catarina dos Santos Pereira

Retrato do ofensor de violência conjugal na perspectiva da vítima

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2018

“Retrato do ofensor de violência conjugal na perspectiva da vítima”

“Retrato do ofensor de violência conjugal na perspectiva da vítima”

Catarina dos Santos Pereira

Retrato do ofensor de violência conjugal na perspectiva da vítima

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2018

“Retrato do ofensor de violência conjugal na perspectiva da vítima”

Catarina dos Santos Pereira

Retrato do ofensor de violência conjugal na perspectiva da vítima

---

(Catarina dos Santos Pereira)

Projeto de Graduação apresentado à  
Universidade Fernando Pessoa como parte  
dos requisitos para a obtenção do grau de  
Licenciatura do Curso de Criminologia, sob  
orientação científica da Professora Doutora  
Laura Nunes.

## **Agradecimentos**

À Universidade Fernando Pessoa, por me proporcionar três anos de conhecimentos imprescindíveis ao meu futuro.

À Professora Doutora Laura Nunes, pela paciência, dedicação e incentivo que me proporcionou durante a realização deste projeto, expondo que há sempre uma outra maneira de ver o mundo ao nosso redor.

Ao Comandante Vítor Rodrigues, ao Tenente Coronel Silva Dias, ao Major Adriano Resende do Comando Territorial da GNR de Viseu, por me terem supervisionado tão bem durante os meses de estágio.

Um agradecimento especial, aos elementos do Núcleo de Investigação e Apoio a Vítimas Específicas da GNR de Viseu, por todo o carinho, apoio, ensinamentos, gargalhadas e especialmente por me terem feito sentir tão bem-recebida. Muito obrigada ao Sargento Martins, à Barros, ao Marques e ao Costa por me fazerem querer ser como eles no futuro. Esta será certamente uma experiência que nunca irei esquecer.

Aos meus amigos, por estarem sempre disponíveis para ouvirem as minhas histórias do mundo do crime.

À minha Mariana, a minha princesa, que apenas com 5 anos, me demonstra todos os dias como o mundo é simples, se permitirmos simplifica-lo e que somos capazes de tudo, se acreditarmos. Fazes de mim a tia mais babada do mundo.

Aos meus pais e à minha irmã, por estarem sempre presentes e por disponibilizarem meios e recursos para que este meu sonho se realizasse.

## **Resumo**

A violência conjugal é um fenômeno cada vez mais presente nos dias de hoje. Este tipo de violência foi considerado um problema íntimo e privado do casal, durante muitas décadas, isto porque as agressões ocorriam normalmente dentro da habitação familiar. Todas as formas de violência deveriam ser inaceitáveis, em qualquer comunidade e em qualquer cultura, posto isto, como este é um problema alarmante e ainda há um grande desconhecimento por parte da população em geral, é necessário aprofundar esta temática.

O presente estudo tem como objetivo reunir semelhanças descritas pela vítima em relação ao ofensor e assim construir um perfil que o tipifique. Para tal, recorreu-se ao uso do inquérito por questionário e à entrevista para alcançar o objetivo do estudo.

Espera-se que com a implementação deste projeto, seja possível ajudar de alguma forma a diminuir a ocorrência deste fenômeno.

**Palavras-chave:** Violência conjugal, Crime, Relação Íntima, Autoridades

## **Abstract**

Marital violence is a phenomenon that is increasingly present today. This type of violence was considered an intimate and private issue of the couple, for many decades, because aggressions usually occurred within the family home. All forms of violence against people should be unacceptable, in any community and in any culture but as this is an alarming problem and still there is a lack of knowledge by the population in general it is necessary to deepen this theme.

The objective of this study is to gather similarities described by the victim in relation to the offender and then build a profile that typifies them. To do so, it was used the questionnaire survey and an interview to reach the study objective.

It is hoped that with the implementation of this project it will be possible to help in some way to reduce the occurrence of this phenomenon.

**Keywords:** Marital violence, Crime, Intimate Relationship, Authorities

## Índice

Introdução.....	9
Capítulo I <b>Enquadramento teórico</b> .....	10
1.1 Conceito de violência conjugal .....	10
1.2 Ciclo da violência doméstica/conjugal.....	12
1.3 Teorias explicativas da violência conjugal.....	13
1.4 Fatores de risco de violência conjugal.....	17
1.5 O agressor de violência conjugal - Alguns estudos.....	20
Capítulo II <b>Contribuição empírica</b> .....	26
2.1 Método.....	26
2.2 Objetivos e questões de investigação.....	26
2.3 Possível amostra.....	27
2.4 Material e procedimentos.....	28
2.5 Resultados esperados.....	29
Conclusão.....	30
Referências.....	31
Anexos	

## **Introdução**

A violência conjugal manifesta-se como um acontecimento repetitivo e constante no dia a dia de algumas pessoas. A relação entre os homens e as mulheres foi, em certas civilizações, caracterizada pela dominação e a submissão, sendo que o papel de dominador era atribuído ao homem e o papel de cuidar do lar, cuidar dos filhos e obedecer ao marido era atribuído à mulher. (Souza e Monteiro, 2007).

A violência conjugal afeta uma elevada percentagem de população mundial sendo que a maioria das vítimas são mulheres e a maioria dos agressores são homens (World Health Organization, 2011). Para além de ferimentos físicos, a violência doméstica conduz a perturbações de stress pós-traumático, depressões, ansiedade, propensão para o abuso de tabaco, álcool, fármacos e maior propensão para o suicídio (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2017).

Tendo este projeto como objeto de estudo a violência conjugal, pretende-se analisar este fenómeno que tanta preocupação revela a nível mundial. Desfrutando a estagiária da oportunidade de desenvolver o seu estágio curricular na Guarda Nacional Republicana de Viseu e de permanecer um determinado tempo no Núcleo de Investigação e Apoio a Vítimas Específicas, esta teve a possibilidade de verificar, ainda que de forma leve, esta realidade preocupante. O estudo aqui projetado terá como objetivo geral gerar um conjunto de características conducentes ao retrato do ofensor, conforme percecionado pela respetiva vítima. Mais especificamente, pretende-se i) reunir as similaridades que mais frequentemente sejam apresentadas pelas vítimas inquiridas, a respeito do ofensor; ii) construir um perfil que tipifique a figura do ofensor, sempre sob o prisma da vítima; iii) partir do retrato entretanto construído para identificar indicadores úteis para as medidas de intervenção junto de vítimas e de ofensores.

Na estrutura do projeto considerou-se necessário que fosse dividido em duas partes. A primeira parte referente ao enquadramento teórico, baseado numa extensa pesquisa bibliográfica onde é aprofundado a questão da violência conjugal, nomeadamente o enquadramento legal onde este crime se insere, o bem jurídico lesado e ainda toda uma temática envolvente sobre a violência entre casais. A segunda parte refere-se à proposta do programa de investigação.

## **Capítulo I- Enquadramento teórico**

Nesta primeira parte do trabalho serão abordados vários temas, iniciando pelo enquadramento do crime de violência conjugal, o ciclo da violência doméstica onde se enquadra este ilícito criminal, os fatores de risco deste fenómeno, as teorias que explicam estes comportamentos e ainda caracterizar de forma geral o agressor de violência doméstica.

### **1.1. Conceito de violência conjugal**

Para definir legalmente o crime de violência conjugal temos de recorrer ao conceito de violência doméstica, uma vez que este crime é uma das formas de violência doméstica. Segundo o art.152º da Lei nº59/2007 do Código Penal comete o crime de violência doméstica a pessoa que de modo reiterado ou não, impor maus tratos físicos ou psíquicos, castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais. É punido por este crime quem o cometer contra o cônjuge ou ex-cônjuge, a indivíduo do mesmo ou de outro sexo com quem a pessoa mantenha uma relação de namoro, ou ainda com quem mantenha uma relação semelhante à dos cônjuges (mesmo que não exista coabitação), a progenitor descendente em 1º grau, ou a pessoa vulnerável em razão da idade, doença, gravidez, deficiência, ou dependência económica com quem a pessoa coabite.

O conceito exato de violência conjugal ainda gera atualmente alguma discussão, contudo a World Health Organization (2011) baseando-se na definição da violência contra as mulheres, da Organização das Nações Unidas (ONU), definiu o termo “violência conjugal” como a tentativa ou o comportamento perpetuado pelo companheiro ou ex-companheiro, numa relação íntima e privada, heterossexual ou homossexual que causem dano psicológico, físico, sexual ou sofrimento à vítima. A violência conjugal engloba também comportamentos como agressões físicas, ameaças, coação sexual, comportamentos controladores e abusos psicológicos, quer ocorram em locais públicos ou em lugares privados.

A relação próxima entre o agressor e a vítima faz com que a violência seja mais frequente e grave, existindo uma maior probabilidade que esta ocorra no local de habitação de ambos ou quando contactam frequentemente, como ocorre quando o casal se está a separar. A violência conjugal é uma das formas mais frequentes de violência interpessoal em todo o mundo afetando de forma diferente os homens e as mulheres, sendo que as mulheres tendem a ser mais vítimas de violência severa de forma continuada comparativamente aos homens (Almeida e Soeiro, 2010).

A violência está relacionada com questões interpessoais associadas à desigualdade de género. Com o aumento da violência aumenta também o número de doenças psicológicas, e o risco de a pessoa adoecer, diminuindo conseqüentemente a qualidade de vida das vítimas. Os vários tipos de violência podem-se considerar como “pequenos homicídios diários”, sendo estes comportamentos os mais difíceis de prever e evitar (Ros e Souza, 2006). É possível identificar vários tipos de violência conjugal que podem ocorrer de forma isolada, em simultâneo ou isoladamente:

- i. Violência física: engloba agressões físicas e maus tratos que podem, ou não, deixar marcas evidentes. Esta é o tipo de violência mais frequente e de maior visibilidade, fazendo com que várias vítimas tenham de recorrer ao sistema nacional de saúde (Nunes, 2003);
- ii. Violência verbal: consiste em insultar a vítima, gritando ou utilizando um tom autoritário, interrompendo o discurso desta ou impedindo que esta se expresse (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2010);
- iii. Violência emocional e psicológica: consiste em humilhar, desprezar, criticar e/ou insultar a vítima em privado ou em público, com palavras ou comportamentos, criticando todos os seus comportamentos e ações, características da personalidade e atributos físicos. Engloba também a destruição de objetos importantes para a vítima, perseguição na rua, trabalho e sítios de lazer (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2016);
- iv. Violência económica: caracteriza-se pelo impedimento de utilização de bens comuns, como o acesso a dinheiro sem a autorização do companheiro, pelo impedimento de trabalhar no exterior ou pela inexistência de fornecimento de bens essenciais à sobrevivência (Nunes, 2003);
- v. Violência sexual: consiste em obrigar a vítima a ter práticas de cariz sexual contra a sua vontade, recorrendo a força física, ameaças ou coação. Amordaçar a

vítima, ata-la contra a sua vontade e queimar os órgãos sexuais são outros comportamentos englobados na violência sexual. A violação e a coação sexual são comportamentos frequentes na violência conjugal (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2016).

Através destes comportamentos e formas de violência, os agressores conseguem controlar todos os movimentos da vítima, criando uma atmosfera de medo e intimidação com a finalidade que a vítima permaneça na relação abusiva (Almeida e Soeiro, 2010).

## 1.2. Ciclo da violência conjugal/doméstica

As relações de conjugalidade além de íntimas, são relações muito complexas que envolvem fortes componentes emocionais e sexuais. No contexto da violência conjugal, qualquer incidente pode provocar uma crise seguida de ameaças e agressões físicas que após este conflito, poderá instalar-se um período de tempo em que o agressor, por temer perder a sua companheira deixa de exercer estes comportamentos violentos fazendo-a acreditar que irá mudar, dando-lhe afeto, assumindo as culpas e desculpando-se pelo sucedido (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2016).

Segundo diferentes autores, a violência conjugal tende a ser uma situação continuada e múltipla, que pode ser explicada através de diferentes fases que culminam num ciclo vicioso, repetido ciclicamente. Assim, este tipo de comportamento ilícito passa por um “ciclo de violência” que se divide em várias fases (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2016):

- i. Fase de aumento da tensão: nesta fase observa-se uma escalada de tensão, em que o agressor cria um ambiente de perigo iminente para vítima, fazendo com que esta não se sinta segura, gerando uma sensação de falta de controlo relativamente à situação.
- ii. Fase do ataque violento: normalmente é nesta fase em que a polícia é chamada. Geralmente começa com violência verbal escalando para os mais variados tipos de violência. Esta violência tem tendência a aumentar de frequência, intensidade e perigosidade.
- iii. Fase da lua-de-mel: depois de praticar os atos violentos, o agressor desculpa-se pelas agressões prometendo que irá mudar. Para intensificar o seu pedido de desculpas, normalmente o agressor tende a tratar com afeto e carinho a vítima.

Depois da última fase do ciclo de violência e com o acumular de tensões no quotidiano, a violência sucede novamente. Com a continuidade do ciclo, as fases de tensão e da lua-de-mel tendem a diminuir, intensificando assim as fases de ataque violento. A vítima que geralmente perspetivou o casamento como um projeto de vida não permite que seja ela própria a por fim ao relacionamento, podendo esta decisão levar a situações extremas como é o caso do homicídio (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2012).

### **1.3. Teorias explicativas da violência conjugal**

A violência conjugal manifesta-se numa dimensão de desigualdade e ameaça constante caracterizada pela passividade e silêncio da vítima (Monteiro e Souza, 2007). Este tipo de violência pode-se definir em quatro categorias: violência comum entre o casal, terrorismo íntimo, controlo mútuo violento e resistência violenta. A violência comum entre o casal é a menos frequente e de gravidade baixa, visto que é mútua na maior parte dos casos e é resultante de inúmeras discussões entre os cônjuges, não existindo um desejo de controlar o outro. O terrorismo íntimo tende a aumentar de gravidade ao longo do tempo e já não é considerado que haja violência mútua entre o casal, contrariamente ao controlo mútuo violento em que ambas as pessoas são violentas. A resistência violenta refere-se a uma tentativa por parte das mulheres de escapar à violência da relação (Quaresma, 2012).

A violência conjugal é um fenómeno de extrema complexidade que é explicada através de diversos modelos teóricos, mas na qual não é encontrada uma explicação consensual para que esta aconteça, no entanto, a compilação de vários modelos poderá fornecer um entendimento para um determinado caso (Souza e Monteiro, 2007).

A teoria do ciclo de violência revela que existem três fases comuns na maioria dos casos de violência conjugal. Na primeira fase há uma construção da tensão onde existem pequenas agressões verbais que são aceites por parte da vítima, embora esta não perceba o motivo dos desentendimentos. Numa segunda fase deixamos de ter apenas agressões verbais passando a agressões físicas, psicológicas ou sexuais onde toda a tensão acumulada numa primeira fase é exteriorizada levando as agressões ao extremo. Na fase da lua de mel, o agressor mostra-se arrependido pelo sucedido, dando carinho à vítima e prometendo que irá mudar, com o passar do tempo e com as tentativas falhadas de escapar às agressões e mesmo ao próprio relacionamento, a vítima vê-se enclausurada num ciclo vicioso (Walker, 1979).

De acordo com Stith & Rosen (1992, *cit. in* Núñez 2013), o modelo interativo da violência doméstica estuda e analisa as razões multicausais implicadas tanto na violência de género como na violência doméstica/conjugal. Este modelo considera vários fatores, entre os quais se destacam os fatores de vulnerabilidade da família e do indivíduo, fatores de stress situacional, recursos individuais, familiares e sociais e ainda o contexto sociocultural presente na vida do agressor e da vítima:

- i. Nos fatores de vulnerabilidade estão presentes as experiências de socialização. Vários estudos demonstram que pessoas que presenciam violência doméstica na infância, têm uma maior probabilidade a interiorizar este comportamento como sendo o correto e mais tarde a reproduzi-lo. As características individuais do agressor são um fator de vulnerabilidade para cometer agressões, uma vez que certas características individuais (ser possessivo, agressivo, consumir álcool), ao interagir com o stress do quotidiano podem originar violência, assim como as características da família podem estar associadas a violência, dado que uma fraca relação e coesão conjugal leva a que em períodos de stress haja uma maior probabilidade de ocorrência de comportamentos violentos.
- ii. Os fatores de stress situacional englobam todas as alterações que acontecem com o passar do tempo na vida das famílias (ex: nascer um filho, morte de um familiar). Devido a estas alterações, ocorre um aumento de ansiedade na pessoa, fazendo com que aumente a probabilidade de ocorrer comportamentos disfuncionais e agressivos.
- iii. Recursos individuais, familiares e sociais para fazer frente face às vulnerabilidades do dia-a-dia, como é o caso de bem-estar económico, nível educativo elevado, bom estado de saúde física e mental, coesão familiar etc. Todos estes recursos possibilitam que o indivíduo seja capaz de enfrentar situações de stress sem recorrer a comportamentos violentos.
- iv. Contexto sociocultural refere-se a um conjunto de crenças, valores e normas que são partilhados pelos membros de uma determinada sociedade. Se a violência for aceite na sociedade a que o indivíduo pertence, essa pessoa vai acreditar que tem o direito de maltratar o parceiro e consequentemente a vítima vai pensar que não tem o direito a sair daquela situação.

As teorias feministas também podem ser consideradas como uma possível explicação para a violência conjugal. O argumento central das perspectivas feministas refere que a violência conjugal não está relacionada com um problema individual, familiar ou patológico, mas sim com uma manifestação do sistema de dominação dos homens sobre as mulheres. Esta perspectiva identifica o problema da violência na intimidade no contexto sociocultural ressaltando que o agressor é o responsável pela violência (Matos, 2014). A violência doméstica é vista como funcional, sendo utilizada

como um recurso utilizado pelo agressor para impor a sua dominação e controlo sobre o seu agregado familiar, defendendo que o género e o poder constituem o processo chave da violência conjugal (Núñez, 2013). Nesta perspectiva, a “Domestic Abuse Intervention Programs” (DAIP), descreve um conjunto de táticas que são utilizadas pelo homem para impor a sua dominação e controlo na mulher: comportamentos intimidativos, abuso emocional, abuso económico, coação e ameaças, isolamento da vítima. Este tipo de estratégias utilizadas pelo agressor fazem com que a vítima fique cada vez mais perturbada mentalmente, impossibilitando-a de sair da relação (Domestic Abuse Intervention Programs, 2017).

#### **1.4. Fatores de risco na violência conjugal**

A origem e o uso do termo risco tem sido alvo de várias revisões ao longo do tempo, no entanto, pode considerar-se o conceito de risco como o aumento da probabilidade de ocorrência de uma determinada situação por presença ou ausência de um determinado elemento. O termo fator de risco engloba qualquer influência, que favoreça a probabilidade de aparecer uma certa situação podendo implicar um maior grau de gravidade de ocorrência e uma maior duração no tempo. Na violência conjugal estes fatores de risco podem estar relacionados com as características individuais do agressor e da vítima, com as características do meio familiar e com as características socioculturais (Grams e Magalhães, 2011).

O modelo mais comum para entender os fatores de risco associados à violência conjugal é o modelo ecológico que propõe que a violência é um resultado de fatores que atuam a quatro níveis: nível individual e social, a nível do relacionamento e a nível da comunidade.

- i. Fatores de risco individuais: ser jovem, possuir um nível baixo de educação, ter sido vítima de violência na infância, ser dependente de substâncias, possuir doença física e mental, aceitar a violência como solução para os problemas, ter tido relações violentas no passado e problemas económicos.
- ii. Fatores de risco no relacionamento: conflitos constantes na relação, stress económico, infidelidade, diferentes níveis de educação e dominância por parte de um membro da relação.
- iii. Fatores de risco na comunidade/ sociedade: conflitos armados, mulher vista como um ser humano inferior em termos de direitos, pobreza, aceitação de violência de género, crença de que a mulher deve tolerar violência para manter a família unida (World Health Organization, 2012).

O modelo ecológico é uma ferramenta útil para compilar uma grande quantidade de investigações feitas ao longo do tempo de modo a entender a violência de género e a violência conjugal. Este tipo de crime não tem apenas uma causa específica, mas um conjunto de causas que o explicam. Seguiremos agora o modelo de Dutton (1995 *cit.in* Cantera & Rodrigues, 2012) dividindo os fatores de risco pelos diferentes níveis propostos pelo autor:

- i. **Nível microssistema:** este nível representa o contexto onde acontecem as agressões, que geralmente se refere ao ambiente familiar. A exposição e o testemunho da violência fazem com que a violência interparental, os maus tratos na infância e o abuso emocional sejam fatores de risco importantes, uma vez que as crianças podem assistir a essas agressões, interiorizando-as como corretas e reproduzi-las assim no futuro. Este nível refere igualmente como fatores de risco históricos de violência conjugal, ciúmes e todos os fatores ligados ao relacionamento, constatando que os conflitos conjugais poderão também ter origem na divisão de tarefas e problemas relacionados com drogas (Dutton, 1995 *cit.in* Cantera e Rodrigues, 2012). Ehrensaft *et alli* (2003) encontraram uma relação significativa entre ter sido abusado física e sexualmente na infância e violência conjugal na idade adulta.
- ii. **Nível exossistema:** este nível compreende as estruturas informais e formais como é o caso dos fatores sociodemográficos que integram variáveis como a idade, a educação, o emprego, os recursos económicos e stress no trabalho. Estudos realizados demonstram que quanto menor for a idade maior o risco de ter comportamentos violentos, assim como um nível de educação mais baixo está relacionado com o aumento da probabilidade de exercer comportamentos agressivos nas relações íntimas. A diferença salarial entre os membros de uma relação ou recursos económicos baixos podem aumentar a perpetração de violência conjugal. Com isto pode-se concluir que há uns anos atrás, a maioria dos fatores sociodemográficos estariam relacionados de forma negativa com o desenvolvimento de violência conjugal, mas, no entanto, hoje em dia, isso já não acontece com tanta frequência (Dutton, 1995 *cit. in* Cantera e Rodrigues, 2012).
- iii. **Nível macrossistema:** finalmente, o macrossistema apresenta os valores culturais e sociais, a ideologia e as crenças sociais como fatores de risco para a violência conjugal. Algumas sociedades legitimam o uso de violência entre companheiros, o que faz com esse comportamento seja aprendido através da socialização e se transmita de geração em geração. Nessas sociedades são transmitidas crenças como, a vítima ser a responsável pelas agressões ou os comportamentos agressivos serem uma solução para a resolução de problemas. A desigualdade de género surge como uma consequência predominante do sexismo onde a mulher se posiciona num lugar inferior na sociedade (Dutton, 1995 *cit. in* Cantera e Rodrigues, 2012).

O Manual de Aplicação da Ficha da Avaliação de Risco (2014), considera alguns fatores de vulnerabilidade que poderão agravar a violência entre o casal, entre os quais se destacam os conflitos relacionados com a guarda/contato dos filhos. Estes conflitos introduzem maior vulnerabilidade tanto à vítima como às crianças, uma vez que disputas relacionadas com a guarda dos filhos pode agravar o risco de homicídio quer para a vítima quer para os menores (Castanho e Quaresma, 2014).

Segundo Campbell (2003), é possível encontrar fatores de risco em comum entre mulheres vítimas de abuso e homicídio por partes dos seus companheiros. Este estudo demonstrou que mulheres que eram ameaçadas com uma arma tinham 20 vezes mais probabilidade de serem vítimas de homicídio e que mulheres ameaçadas de morte pelo seu marido/ parceiro tinham 15 vezes mais probabilidade de serem mortas do que qualquer outra mulher. Assim, este autor destacou como fatores de risco para a violência: ser ameaçado com armas, ser ameaçado de morte, ser vítima de estrangulamento, ciúmes incontroláveis por parte do marido, agressor ser dependente alcoólico, companheiro ter sido vítima de abusos em criança, aumento da severidade da violência física no decorrer do tempo e agressões enquanto a vítima está grávida. Existe também uma relação entre gravidez e violência conjugal, sendo que em alguns casos o aumento da ansiedade que o parto, os cuidados ou a responsabilidade da maternidade possam implicar para o agressor, fazem com que a probabilidade de recorrer à violência seja maior, se a gravidez não foi desejada por ele. Assim, é nestes casos que a violência começa ou intensifica (Castanho e Quaresma, 2014).

A capacidade de antever comportamentos violentos não é infalível e torna-se particularmente complicada quando o agressor não manifesta qualquer tipo de características pessoais que demonstrem uma predisposição para manifestar comportamentos violentos e agressivos. Contudo é possível prever a probabilidade de ocorrerem novos episódios de violência em determinadas condições de tempo e contexto (Castanho e Quaresma, 2014).

### 1.5. O agressor de violência conjugal- Alguns estudos

A violência conjugal tem-se sobressaído nas últimas décadas como um problema importante a nível nacional e internacional, associado ao interesse de aprofundar os fatores envolvidos nos comportamentos agressivos e implantar serviços que estejam à altura de ajudar as vítimas. No entanto nota-se que a maioria dos trabalhos realizados se focalizam maioritariamente na vítima, sendo que, são conhecidos vários programas de apoio a estas, não existindo no mesmo número, programas de intervenção para agressores ou para reabilitação dos mesmos (Benetti e Nardi, 2012).

De acordo com Holtzworth-Munroe e Stuart (1994, *cit.in* Calvo 2010), existem três subtipos de agressores:

- i. Agressores violentos só com membros da família/ agressores impulsivos: estes sujeitos são violentos predominantemente com o seu companheiro e os seus filhos. É um tipo de violência com baixa severidade, baixa implicação criminal e níveis moderados de ira;
- ii. Agressores disfóricos/ borderline: a violência tem uma intensidade que pode variar de média a alta. Estes agressores revelam grande instabilidade emocional, níveis de raiva e ira elevados e dependência de substâncias. Estes ofensores caracterizam-se por uma história de violência na infância, rejeição familiar e baixo nível de arrependimento;
- iii. Agressores antissociais/ violentos no geral: a violência física e psicológica manifesta-se de forma generalizada como uma estratégia de afrontamento para alcançar os objetivos. Esta violência é utilizada tanto no meio familiar como no meio extra-familiar. Os indivíduos apresentam elevados níveis de raiva e dependência de substâncias, características de personalidade antissocial e elevados níveis de violência.

A classificação de Gottman *et alii* (1995), realizada num contexto de laboratório, propõe a existência de dois tipos de pessoas agressivas em função do seu batimento cardíaco antes de ocorrer discussões com o seu companheiro:

- i. Indivíduos abusadores do tipo 1 (“cobra”): pessoas violentas que antes do início da discussão, a sua frequência cardíaca diminui exteriorizando muita agressividade e desprezo pela vítima. Comportam-se violentamente com outras

pessoas e demonstram características associadas a transtornos da personalidade antissocial e agressivo;

- ii. Indivíduos abusadores do tipo 2 (“pitbull”): neste tipo de pessoas a frequência cardíaca tende a aumentar antes de uma discussão entre o casal. Estes ofensores demonstram características associadas a transtornos da personalidade por evitação e borderline, características passivo agressivas, ira e raiva crónica e um estilo de apego inseguro.

Considera-se que nos indivíduos do tipo 1 a violência é algo que é planeada, expressada com uma profunda insatisfação, não gerando quaisquer sentimentos de culpa no agressor. Nos indivíduos do tipo 2, contrariamente ao anterior, a violência não é planeada, acontece de forma impulsiva, caracterizada por uma conduta modelada pela raiva e pela ira, refletindo-se na dificuldade de controlo de impulsos e na demonstração de sentimentos (Amor, Echeburúa, e Loinaz, 2009).

Dutton (1997, *cit.in* Bell e Naugle, 2008) estabeleceram a sua tipologia de agressores conjugais tendo em conta a teoria da vinculação. Para estes autores, a propensão para a violência conjugal provém de um estilo de vinculativo inseguro e de um sentimento de vergonha que vai crescendo desde a infância. Através deste estilo de vinculação surge a necessidade de contacto íntimo, ao mesmo tempo que se experienciam sentimentos de rejeição e pouca satisfação nos relacionamentos íntimos. Quando o indivíduo sente que a sua relação falhou de alguma maneira ou quando se sente ameaçado pelo companheiro, juntamente com a tendência que estas pessoas têm para demonstrarem raiva, pode conduzir à ocorrência de comportamentos agressivos. Estes autores evidenciam três tipos de agressores conjugais:

- i. Agressor psicopático: tipo de agressor mais raro, as agressões têm sempre um objetivo e podem atingir tanto o companheiro como os filhos, vizinhos e amigos. Normalmente este tipo de agressores possuem antecedentes criminais como furto, tráfico de estupefacientes etc. Não possuem remorsos pelos atos cometidos, podendo assumir o seu comportamento como um ato normal e dificilmente aprendem com os seus atos (Barreto *et alii*, 2008);
- ii. Agressor hipercontrolado: aparentam distanciamento dos seus próprios sentimentos, comportando-se de forma passiva e evitando contacto interpessoal. As agressões resultam de um aumento constante de frustrações, sendo estes

ofensores, pessoas bem vistas socialmente e profissionalmente (Bell e Naugle, 2008);

- iii. Agressor cíclico: caracterizados por querer controlar a vida da vítima, estes indivíduos possuem frequentemente ciúmes muito intensos, tornando-os muito apegados ao parceiro. Interpretam de forma errada as atitudes da vítima através das suas distorções negativas, por isso, ao iniciar um relacionamento amoroso, escolhem aquela pessoa sobre a qual terão mais possibilidade de estabelecer controlo e dominação (Barreto *et alii*, 2008).

É de extrema importância conhecer o perfil psicológico dos agressores para posteriormente pôr em prática programas de intervenção e prevenção adequados. Vários estudos são realizados em todo o mundo na tentativa de caracterizar o agressor de violência conjugal por isso é importante analisar alguns deles, com o objetivo de prever quais os resultados que se poderão obter com a implementação deste estudo.

Um estudo realizado em Espanha, com uma amostra de 76 homens condenados por violência conjugal demonstrou que: i) os agressores tinham uma idade média de 39 anos, ii) 49 dos 76 homens eram divorciados, iii) 59 deles tinham apenas estudos primários e iv) a maioria possuía um nível socioeconómico baixo (32 ofensores). Em relação a transtornos da personalidade i) 44 sujeitos possuem transtorno da personalidade compulsiva, ii) 19 têm transtorno da personalidade paranoide, iii) 15 dos homens possuem transtorno da personalidade antissocial e iv) 11 dos indivíduos estudados possuem tendências psicopáticas. Concluiu-se com este estudo que cerca de 86,4% dos homens estudados possuíam pelo menos um transtorno da personalidade, isto leva a crer que a excessiva dependência emocional, a obsessão e a atribuição dos problemas dos próprios indivíduos a outras pessoas aumentam a probabilidade de ocorrência de violência conjugal (Echebúrua e Javier, 2008).

Foi também realizado um estudo em Campina Grande (Brasil), com o objetivo de delinear o perfil dos agressores de violência contra a mulher. Dos 565 inquéritos analisados, apenas 52 dos agressores eram do sexo feminino, o que nos leva mais uma vez a acreditar que o agressor é maioritariamente do sexo masculino independentemente em que parte do mundo estas agressões ocorram. Em relação ao nível de escolaridade dos agressores, 55,8% deles estudaram até o ensino básico sendo que a idade média destes indivíduos era de 35,25 anos. Neste caso e uma vez mais, nos motivos que levaram os agressores a praticarem violência doméstica e familiar, destacam-se as

discussões com uma frequência de 112 casos, a ingestão de bebidas alcoólicas com uma frequência de 106 casos e a não aceitação da separação com 59 casos. A violência mais utilizada por estes agressores é a violência psicológica e a violência física, aparecendo 324 e 327 vezes, respetivamente (Brasileiro e Melo, 2016).

Um estudo realizado com o objetivo de determinar a presença de perturbações da personalidade, demonstrou que existe uma prevalência de 79.3% de perturbações de personalidade numa amostra de agressores condenados por violência, isto é, quase 8 em cada 10 sujeitos apresenta uma perturbação da personalidade (Tijeras *et alii*, 2011). Estes resultados vão de encontro a diversos estudos já aqui anteriormente mencionados.

De acordo com um estudo realizado por Manita (2005), denominado “Intervenção em agressores no contexto de violência doméstica em Portugal”, verificou-se que o ofensor é maioritariamente do sexo masculino, com idade compreendida entre os 26 e os 40 anos embora haja uma grande percentagem de ofensores com idade entre os 41 e os 50 anos. Os ofensores são maioritariamente casados ou vivem em união de facto, sendo geralmente, provenientes de classe económica baixa. Manita, conclui também que a maioria dos agressores não possui nenhuma perturbação mental, no entanto cerca de 20% tem problemas com álcool. Portanto, com a aplicação do questionário será expectável que se chegue a resultados semelhantes.

No entanto, há ainda investigações que revelam que os motivos das agressões para os homens é diferente dos motivos das agressões para as mulheres. O ciúme, evidenciado pelas suspeitas de traição, são um fator promotor das agressões, uma vez que o homem poderá sentir medo de perder o controlo sobre a sua companheira. Os homens que revelaram estas informações neste estudo, referiram que o ciúme e o medo de traição, são os fatores que ferem mais a sua masculinidade e virilidade, tornando-se assim a violência na única resposta. Neste estudo o consumo do álcool também é relatado como responsável pelo comportamento agressivo, utilizando o agressor este motivo para explicar o seu comportamento. As mulheres deste estudo referiram que, o facto de o homem não aceitar o fim da relação, o consumo excessivo de estupefacientes e álcool e o ciúme sentido pelo companheiro são fatores que promovem as agressões entre eles (Silva, Coelho e Njaine, 2014).

Num estudo realizado por Paixão *et alii* (2015), destacou-se que indivíduos que são vítimas ou agressores de violência conjugal na atualidade, presenciaram de alguma

forma violência entre os pais na infância, revelando isto que, este tipo de crime faz com que as crianças sofram graves danos psicológicos muitas vezes irreversíveis, não sendo capazes na idade adulta de saírem de uma relação igual à qual observavam nos pais na infância. Este estudo demonstra o quanto a convivência em ambientes violentos condiciona as pessoas a repetirem as mesmas práticas, pois como não foram aprendidos outros modelos de relações familiares, as pessoas tendem a reproduzir os comportamentos violentos que vivenciaram na infância ou adolescência, tornando-se geralmente as mulheres em vítimas e os homens em agressores.

Foi realizado um estudo na Suécia com 23 indivíduos condenados por homicídio ou tentativa de homicídio, com o objetivo de determinar um perfil que os caracterize. Neste estudo, salientaram-se dois tipos de perfis:

- i. Perfil A: indivíduos entre os 15-33 anos, solteiros, sem problemas psiquiátricos encontrados, nível de educação primária, desempregados, com antecedentes criminais nomeadamente por ofensas violentas e uso de armas de fogo como método para realizar o delito.
- ii. Perfil B: indivíduos entre os 37-59 anos, solteiros, maior prevalência de transtornos psiquiátricos em comparação com o perfil A, assim como um nível de educação superior, dependentes de substâncias, utilização de locais privados para o cometimento do crime, utilização de facas ou armas afiadas e condenados anteriormente por crimes violentos.

É no perfil B, que se enquadram os ofensores envolvidos em disputas domésticas, sendo este, o tipo mais comum de crime neste perfil (Khoshnood e Fritz, 2017).

Um estudo de Carneiro *et alii* (2017), sobre as repercussões da violência conjugal para mães e filhos, demonstrou que vivenciar violência na conjugalidade acarreta danos para a saúde física da mulher, para a saúde psicológica e para o desenvolvimento de relações sociais. Nos filhos, a exposição da violência potencia a probabilidade de se tornarem também eles, vítimas, afetando assim a sua saúde mental, tornando-os mais vulneráveis para o consumo de substâncias, diminuindo consequentemente o rendimento escolar.

De acordo com um estudo realizado por Rode, Rode e Januszek (2015), os ofensores masculinos de violência conjugal, são mais estereotipados na percepção dos

papéis e responsabilidades relacionados com o gênero demonstrando um profundo conservadorismo na avaliação das tarefas resultantes deles, considerando que o papel da esposa é de cuidar dos filhos e da casa. Os agressores masculinos são caracterizados, pelo estilo de apego ansioso sendo que nas relações íntimas os agressores experienciam forte ansiedade e raiva, que estão ligados ao medo do abandono. Os homens que atormentam as pessoas próximas a eles, demonstram estilos de apego inseguro com muito mais frequência do que os homens que não usam qualquer tipo de violência. Os motivos para a violência nas relações íntimas estão invariavelmente relacionados com três fatores na interação entre parceiros: manter a vantagem sobre a vítima, obter possibilidades de exercer influência e controle sobre a mesma.

## **Capítulo II- Contribuição empírica**

Nesta segunda parte do trabalho serão apresentados os pontos mais importantes referentes à investigação que se está aqui a planear. Mais especificamente, serão descritos os elementos relacionados com o estudo, o método, os resultados que serão esperados e, por fim, a conclusão deste trabalho.

### **2.1. Método**

O estudo a desenvolver seguirá uma metodologia predominantemente qualitativa, dado pretender-se obter a perceção das vítimas a respeito do ofensor, o que remete para alguma subjetividade. O desenho de estudo será essencialmente descritivo, com a recolha de dados num só momento – estudo transversal – baseado no autorrelato e focado nas experiências de cada um dos inquiridos.

Em termos de técnica de investigação a opção utilizada para a recolha de dados será através da administração de um questionário, mais focado nos dados sociodemográficos. Este último, será ainda suportado pela técnica da entrevista, fazendo uso parcial do guião proposto por Sani (2003), baseada em Erikson e Henderson (1998) e que, entretanto, foi adaptada para se dirigir a adultos vítimas de violência conjugal.

### **2.2. Objetivos e questões de investigação**

O objetivo geral deste estudo será o de conhecer as características que conduzem ao retrato do ofensor, conforme a respetiva vítima o percebe. Mais especificamente, pretende-se: i) reunir as semelhanças que mais frequentemente sejam apresentadas pelas vítimas inquiridas, a respeito do ofensor; ii) construir um perfil que caracterize a figura do ofensor sob a ótica da vítima e, iii) a partir do retrato entretanto construído, procurar identificar indicadores úteis para as medidas de intervenção junto de vítimas e de ofensores.

Para se alcançar estes objetivos e para se responder a questões colocadas ao longo deste trabalho, é importante que se definam os materiais e os procedimentos necessários para a chegar a uma conclusão.

### **2.3. Possível amostra**

Os inquiridos terão sido, no passado, vítimas de violência conjugal, sinalizadas por parte de instâncias que providenciaram apoio técnico especializado às vítimas, dando a informação de que tais possíveis participantes se encontram já em condições para responder a questões sobre a vitimação vivida. Procurar-se-á constituir uma amostra de pelo menos 50 vítimas que reúnam as condições anteriormente expostas como sendo fatores de in/exclusão.

Estes cuidados são essenciais para que não estejamos a fazer a vítima relembrar situações que ainda se apresentem muito recentes e indutoras de um sofrimento acentuado.

## **2.4. Material e procedimentos**

Tendo em vista alcançar os objetivos delineados, dando resposta às questões inicialmente formuladas, deverá começar-se pela solicitação de autorizações institucionais.

Numa primeira fase, serão formalizados os pedidos de autorização aos responsáveis das instituições onde se irá realizar este estudo. Serão dadas garantias de anonimato e confidencialidade às vítimas que desejarem participar no estudo e também aos agressores que estas irão retratar. Portanto, será fundamental a apresentação de uma declaração de consentimento informado (Cf. Anexo A), em que cada possível participante assuma, de livre, espontânea e informada vontade, entrar no estudo. Os dados recolhidos não servirão para outros fins senão a concretização desta investigação que aqui se projeta. Apenas após obtenção do consentimento devidamente informado, se passará à administração individual, do questionário, que contará com questões fechadas, de resposta dicotómica, de escolha múltipla e abertas (Cf. Anexo B). Os dados serão recolhidos individualmente e salvaguardando a privacidade de cada um. Seguidamente será realizada uma entrevista, uma vez que existe a necessidade de obter informações para conhecer atitudes e comportamentos, que não podem ser encontradas em registos e fontes documentais (Cf. Anexo C).

Após obtenção das respostas necessárias junto dos que integrarem a amostra, esses dados serão inseridos numa base de dados construída pelo uso do *Software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), a fim de se obterem os resultados que permitirão chegar às conclusões.

## 2.5. Resultados esperados

Tratando-se deste trabalho como apenas um projeto, não teremos resultados a apresentar. No entanto, com base na experiência adquirida no decorrer do estágio e atendendo à revisão bibliográfica efetuada, é possível prever os resultados que irão ser obtidos.

Quadro 1.

Resultados esperados com base no enquadramento teórico

Enquadramento teórico	Resultados esperados
Manita (2005)	Ofensores: maioritariamente do sexo masculino, entre os 41 a 50 anos, casados ou em união de facto, classe económica baixa, predominância de consumo de álcool.
Silva, Coelho e Njaine, (2014)	Segundo a vítima poderá encontrar-se agressores que, não aceitam o fim da relação, consomem excessivamente substâncias e são demasiado ciumentos.
Enrique e Javier (2008)	É possível que grande parte dos ofensores possuam transtornos da personalidade compulsiva e paranoide.
Brasileiro e Melo (2016)	Os motivos que geram as agressões, são as discussões, o consumo de substâncias (especialmente álcool), não aceitação do fim da relação e ciúmes excessivos.
Bell e Naugle (2008)	Poderão ser retratados ofensores que agridem com um objetivo, ofensores que agridem devido ao acumular de tensões e agressores muito apegados à vítima, querendo controlar a vida desta.
Gottman <i>et alii</i> (1995)	Os ofensores poderão ser agressivos com todas as pessoas ou poderão ser bem vistos socialmente e profissionalmente, sendo só agressivos com a vítima mostrando desprezo e agressividade por esta.
Griebler e Borges (2013)	As vítimas poderão achar que o homem deve ser uma figura viril, dominadora e autoritária.
Paixão <i>et alii</i> (2015)	As vítimas e os agressores de violência conjugal, serão pessoas que assistiram na infância, a violência entre os pais.
Khoshnood e Fritz (2017)	Em regra, os ofensores de violência conjugal possuem antecedentes criminais.
Rode, Rode e Januszek (2015)	Agressores mais estereotipados nos papeis de género, demonstrando vínculos inseguros e ambivalentes nas relações íntimas.

## **Conclusão**

Ao finalizar este estudo, salienta-se uma vez mais a necessidade de alertar para este problema, que tanta preocupação revela a nível nacional e internacional, uma vez que esta forma de violência abrange diferentes países, culturas e pessoas. É cada vez mais importante perceber se as pessoas à nossa volta estão a ser vítimas de violência doméstica e denunciar a situação o mais rápido possível.

Ao longo da realização deste trabalho foi possível perceber, através da revisão da literatura e do estudo empírico, que ainda muitas pessoas não sabem que estão a ser vítimas de violência conjugal, achando apenas que o comportamento agressivo exercido pelo companheiro deve ser suportado. A violência conjugal é um tema muito complexo e conseqüentemente muito difícil de gerir e lidar. Infelizmente, em alguns casos a atuação dos órgãos de polícia criminal e das instituições de apoio, é muitas vezes tardia ou então não há uma preparação por parte destes, para saberem lidar com estes casos. É de extrema importância que as forças de segurança saibam atuar com vítimas de violência doméstica, de maneira a encaminhá-las o melhor possível evitando assim desastres maiores.

A violência conjugal é um problema alarmante que faz parte do quotidiano em todas as classes sociais, desenvolvendo-se na vida de milhares de pessoas, principalmente daquelas que se encontram em situação de maior vulnerabilidade. Com a construção e implementação deste estudo espera-se contornar, nem que seja um pouco, esta situação, divulgando assim perfis de ofensores e conseqüentemente melhorar o conhecimento das pessoas sobre este tema. Espera-se também que com a construção deste estudo se desenvolva uma melhor prevenção para este tipo de crime.

Os objetivos propostos para este projeto são facilmente atingidos, uma vez que, com o inquérito por questionário construído pela aluna, e com os dados obtidos voluntariamente com as vítimas, consegue-se elaborar um retrato do ofensor de violência conjugal, reunindo similaridades e identificando indicadores úteis para a intervenção nestes casos.

Concluindo, espera-se que num futuro próximo, este estudo seja uma mais valia para o conhecimento das pessoas em geral e para que haja uma maior aposta na formação de técnicos capazes de intervir, de ajudar as vítimas, de reencaminhar os agressores para os locais adequados e essencialmente prevenir estes casos.

## Referências

- Almeida, I. e Soeiro, C. (2010). Avaliação de risco de violência conjugal: Versão para polícias, *Análise Psicológica*, 1(28), pp.179-192.
- Amor, P., Echeburúa, E. e Loinaz, I. (2009). ¿Se puede establecer una clasificación tipológica de los hombres violentos contra su pareja?, *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 9 (3), pp. 519-539.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. [Em linha]. Disponível em <<https://apav.pt/vd/index.php/features2>>. [Consultado em 19/04/2018].
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2010). Manual Alcipe- Para o Atendimento de Mulheres Vítimas de Violência. [Em linha] Disponível em <[http://www.apav.pt/apav\\_v2/images/pdf/ManualAlcipe.pdf](http://www.apav.pt/apav_v2/images/pdf/ManualAlcipe.pdf)> [Consultado em 20/04/2018]
- Barreto, A. *et alii* (2008). Desenvolvimento Humano e Violência de Gênero: Uma Integração Bioecológica, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), pp. 86-92.
- Bell, M. e Naugle, E. (2008). Intimate partner violence theoretical considerations: Moving towards a contextual framework, *Clinical Psychology Review*, 28, pp. 1096-1107.
- Benetti, S. e Nardi, S. (2012). Violência conjugal: estudo das características das relações objetais em homens agressores, *Boletim de psicologia*, 62 (136), pp. 53-66.
- Brasileiro, A. e Melo, M. (2016). Agressores na violência doméstica: um estudo do perfil sociojurídico, *Revista de Género, Sexualidade e Direito*, 2(2, jul-dez), pp.189-208.
- Calvo, I. (2010). Estudio de las tipologías de agresores de pareja en los centros penitenciarios. **[Em linha]. Disponível em** <[https://www.recercat.cat/bitstream/handle/2072/89593/SC\\_3\\_167\\_10\\_cast.pdf?sequence=1](https://www.recercat.cat/bitstream/handle/2072/89593/SC_3_167_10_cast.pdf?sequence=1)>. **[Consultado em 25/05/2018].**
- Campbell, J. *et alii* (2003). Assessing risk factors for intimate partner homicide, *NIJ Journal*, 250 (novembro), pp.15-19.

- Cantera, L. e Rodrigues, R. (2012). Violencia de Género en la Pareja: Una Revisión Teórica, *Psico*, 43(1, jan-mar), pp.116-126.
- Carneiro *et alii* (2017). Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas(os), *Escola Anna Nery*, 21(4), pp. 1-7.
- Castanho, A. e Quaresma, C. (2014). *Risco em Situações de Violência Doméstica- Manual de Aplicação da Ficha de Avaliação de Risco*. Lisboa, Secretaria- Geral da Administração Interna.
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género *et alii*. (2016). *Violência doméstica, implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno*. Lisboa, Centro de estudos judiciais.
- Decreto-Lei nº 129/2015 de 3 de setembro. Diário da República. Publicado no D.R. nº 172, Série I de 03-09-2015.
- Domestic Abuse Intervention Programs. [Em linha]. Disponível em <<https://www.theduluthmodel.org/wheels/>>. [Consultado em 16/05/18].
- Ehrensaft, M. *et alii*. (2003). Intergenerational Transmission of Partner Violence:
- Echeburúa, E. e Javier, F. (2008). Trastornos de personalidad y psicopatía en hombres condenados por violencia grave contra la pareja, *Psicothema*, 20(2), pp. 193-198.
- Echeburúa, E., Amor, J. e Corral, P. (2009). Hombres violentos contra la pareja: trastornos mentales y perfiles tipológicos, *Pensamiento Psicológico*, 6 (13), pp. 27-36.
- Gottman, J. *et alii* (1995). The relationship between heart rate reactivity, emotionally aggressive behavior, and general violence in batterers, *Journal of Family Psychology*, 9, pp. 227-248.
- Gilchris, E. *et alii*. (2003). Domestic violence offenders: characteristics and offending related needs. [Em linha]. Disponível em <<http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20110218141158/http://rds.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs2/r217.pdf>>. [Consultado em 04/06/2018].
- Grams, A. e Magalhães, T. (2011). Violência nas relações de intimidade: avaliação do risco, *Revista Portuguesa do Dano Corporal*, (22), pp. 75-98.
- Griebler, C. e Borges, J. (2013). Violência Contra a Mulher: Perfil dos Envolvidos em Boletins de Ocorrência da Lei Maria da Penha, *Psico*, 44 (2, abr-jun), pp.215-225.

- Khoshnood, A. e Fritz, M. (2017). Offender Characteristics: A Study of 23 Violent Offenders in Sweden, *Deviant Behavior*, 38(2), pp.141-153.
- Madureira, A. *et alii*. (2014). Perfil de homens autores de violência contra mulheres, *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 18(4/ Out-Dez), pp. 600-606.
- Manita, C. (2005). *A intervenção em agressores no contexto de violência doméstica em Portugal*. Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos da Mulher.
- Matos, M. (2014). *Vítimas de Crime e Violência: Práticas de Intervenção*. Braga, Psiquilibrios Edições.
- Monteiro, C. e Souza, I. (2007). Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano, *Texto Contexto Enferm*, 16 (1, Jan-Mar), pp. 26-31.
- Nunes, A. (2003). Violência conjugal- o papel do médico de família, *Revista portuguesa de clínica geral*, (19), pp.141-147.
- Núñez, M. (2013). La construcción de la masculinidad y su relación con la violencia de género, *Comunitania: revista internacional de trabajo social y ciencias sociales*, 5 (5, Jan), pp. 62-81.
- Paixão *et alii* (2015). Women experiencing the intergenerationality of conjugal violence, *Revista Latino-Am. Enfermagem*, 23(Set- Out, 5), pp. 874-879.
- Quaresma, C. (2012). *Violência doméstica: Da participação da ocorrência à investigação criminal*. Lisboa, Cadernos da Administração Interna.
- Rode, D., Rode, M. e Januszek, M. (2015). Psychosocial characteristics of men and women as perpetrators of domestic violence, *Polish Psychological Bulletin*, 46(1), pp. 53-64.
- Ros, M. e Souza, P. (2006). Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento íntimo, *Revista de ciências humanas*, (40), pp.509-527.
- Silva, A., Coelho, E. e Njaine, K. (2014). Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquiridos policiais, *Ciência e Saúde Coletiva*, 19(4), pp.265-277.
- Souza, I. e Monteiro, C. (2007). Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. [Em linha]. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a03v16n1>>. [Consultado em 09/04/2018].

Tijeras, J. *et alii* (2011). Trastornos de Personalidad en Hombres Maltratadores a la Pareja: Perfil Diferencial entre Agresores en Prisión y Agresores con Suspensión de Condena. *Anuario de Psicología Jurídica*, 21, pp. 97-105.

Walker, L. (1979). *The battered Woman*. New York, Harper Colophon.

World Health Organization (2012). Intimate partner violence. Disponível em <[http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/77432/WHO\\_RHR\\_12.36\\_eng.pdf;jsessionid=3C89F8DF898469D3A4FFFDD5F7D1AE94?sequence=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/77432/WHO_RHR_12.36_eng.pdf;jsessionid=3C89F8DF898469D3A4FFFDD5F7D1AE94?sequence=1)>. [Consultado em 16/05/2018].

World Health Organization. [Em linha]. Disponível em <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/index.html>>. [Consultado em 09/04/2018].

## **Anexos**

## **Anexo A - Consentimento informado**

### Consentimento informado

Declaro ter sido claramente informado/a dos pormenores do estudo “Retrato do ofensor de violência conjugal na perspectiva da vítima” em que decidi participar. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências, além de que me foram dadas garantias de anonimato e confidencialidade dos dados. Fui informado/a dos objetivos do estudo, da duração, dos propósitos e do destino a dar às informações recolhidas

Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que, de forma voluntária, forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

O participante: \_\_\_\_\_

O investigador: \_\_\_\_\_

## Anexo B

### Parte A- Questionário de dados sociodemográficos

1. Idade \_\_\_\_\_

2. Género:

Masculino

Feminino

3. Estado civil:

Solteiro/a

Casado/a

Viúvo/a

União de facto

Divorciado/a

4. Agregado familiar:

---

5. Nível de escolaridade:

Ensino Básico

Ensino Secundário

Ensino Superior

Nenhum

6. Situação ocupacional:

Empregado/a  Indique a atividade profissional: \_\_\_\_\_

Desempregado/a

Estudante

Doméstico/a

Reformado/a

**Anexo C**

**Guião de entrevista**

(dirigida a vítimas de violência conjugal após terem tido acompanhamento técnico)

Catarina Pereira, 2018

**1.**Após ter tido acompanhamento que o/a ajudou a gerir a situação de vitimação que viveu, diga como se sente?

---

---

---

---

**2.**Após ter tido acompanhamento que o/a ajudou a gerir a situação de vitimação que viveu, diga o que pensa neste momento?

---

---

---

---

**3.**Pensando agora nas situações de que foi vítima, diga como o/a companheiro/a explicava os seus comportamentos agressivos?

---

---

---

---

**4.**Relembre o que melhor conhecia do/a seu companheiro/a. Qual ou quais as suas características que mais lhe desagradavam?

---

---

---

---

**5.**Relembre o que melhor conhecia do/a seu companheiro/a. Qual ou quais as suas características que mais lhe agradavam?

---

---

---

---

**6.**Quais as circunstâncias ou situações em que o/a seu/sua companheiro/a se tornava mais frequentemente agressivo?

---

---

---

---

**7.**Do seu ponto de vista, o que o/a seu/sua companheiro/a percecionava como forma de ter controlo na relação?

---

---

---

---

**8.**Do seu ponto de vista, como caracterizaria genericamente a relação que o/a seu/sua companheiro/a tinha consigo?

---

---

---

---

**9.**Do seu ponto de vista, como caracterizaria genericamente a relação que o/a seu/sua companheiro/a tinha com a família alargada?

---

---

---

---

**10.**Do seu ponto de vista, como caracterizaria genericamente a relação que o/a seu/sua companheiro/a tinha com os amigos?

---

---

---

---

**11.**Há algo que, para si, seja importante dizer sobre o/a seu/sua companheiro/a, que não tenha sido perguntado aqui? (o quê)

---

---

---

---